

*Geórgia Quintas*

*O Olhar Europeu sobre o Novo Mundo*

A época dos descobrimentos, da expansão colonial, das conquistas por novas e distantes terras, despertou estranhamento e curiosidade sobre o Novo Mundo (a América denominada como um *novo continente*). Os viajantes europeus do século XVII, após meses na árdua travessia de desbravar mares, ao chegarem em terra firme deparavam-se com culturas e etnias distintas das referências européias. De fato, as singularidades dos habitantes e a cultura daquelas terras longínquas passaram a ter a conotação de exóticas, estranhas, bárbaras, não-civilizadas, entre outros juízos de valor.

Sendo assim, a visão dos viajantes a respeito do outro constituiu-se mais numa alegorização de um imaginário fomentado pela visão de mundo de uma época do que na compreensão das particularidades do Novo Mundo. É preciso notar, contudo, que a divulgação dessas terras longínquas se traduziu em imagens e textos, os chamados *relatos de viagem*. E, dessa maneira, o que os olhos não viam, a mente criava; assim como o presenciado *in loco* ganhava em exagero e distorção da realidade, fosse na criação visual ou literária.

O repertório do imaginário do século XVII — entenda-se *imaginário* como a elaboração coletiva acerca das significações da vida humana/aspectos culturais, estabelecido subliminarmente — possuía uma atmosfera ora idílica, ora infernal. Na Idade Média, a máxima era a existência física do Éden, de localização desconhecida, também denominado de “paraíso perdido”. Paraíso este repleto de riquezas naturais, sendo de extremo interesse dos europeus expandir-se colonialmente. Outra característica compreende ainda a fantástica visão sobre o Novo Mundo. Isto é, havia um universo paralelo ao dos humanos, repleto de seres fantasmagóricos e bizarros, também reconhecidos como monstros. Diante da exuberância das coisas desconhecidas, o domínio do conhecimento humano recorria à imaginação. De modo que os mistérios das terras descobertas caracterizavam-se pelo sobre-humano. Portanto, o Ocidente medieval

ligado aos navegadores europeus alimentou categoricamente a existência de espécies surreais.

Passando da Idade Média para o Renascimento, muito pouco modificou-se sobre a questão da representação de demônios. A abordagem sofrera transformações, sendo pelo Humanismo considerado como uma ameaça do mal. Portanto, seguindo a filosofia de malignidade, os colonizadores protagonizavam o papel de salvadores e de seres humanos superiores, determinantes para colocarem ordem e trazer civilidade. Mostrando a suposta “verdade”, enfatizava-se a conduta ideológica dominante no que concerne ao proselitismo, à catequese e conversão religiosa. Ou seja, tudo justificado pela ideologia dos europeus.

### *A Presença de Albert Eckhout no Brasil*

O pintor holandês Albert Eckhout (c.1610-c.1666) integrou o grupo de artistas e cientistas patrocinado pelo Conde Maurício de Nassau, então governador da Companhia das Índias Ocidentais (WIC) no Nordeste brasileiro. A permanência de Eckhout no Recife durou de 1637 a 1644 — período do governo nassoviano. A esse pintor foi delegada a tarefa de registrar/inventariar a gente, a fauna e a flora brasileiras. Assim como Frans Post, outro membro da comitiva nassoviana, destacou-se em descrever a paisagem tropical, Eckhout trabalhou sua temática com extrema habilidade técnica e precisão. Situa-se a pintura de Albert Eckhout como naturalista e realista. Uma das características mais significativas de sua produção pictórica reside na verossimilhança patente em suas imagens. Desse modo, a grandiosidade e importância da iconografia elaborada por Eckhout são reveladas pela estética realista e, sobretudo, por sua desmistificação sobre a representação do outro. Também deve ser destacado o valor histórico e a documentação das diferenças étnicas na obra deste artista. Certamente, foram os retratos que o elevaram à condição de mestre e de precursor. Afinal, tais obras são tidas como os primeiros registros confiáveis e efetivos do povo que habitava o Brasil.

### *A Percepção do Outro*

Para compreender o processo visual desse pintor holandês, vale ressaltar que a imagem, neste caso, além de ser um objeto artístico também é memória. Nesse sentido, evoca uma realidade com tempo e espaço determinados. E mais ainda, dimensiona a questão cultural de perceber e assimilar o outro apesar das diferenças, mas principalmente através delas. Na busca pela essência autóctone do retratado, Eckhout

estabeleceu-se como um divisor de águas, sendo perceptível em sua obra uma ruptura com os paradigmas de interpretação sobre o Novo Mundo.

Portanto, a análise dos retratos de Albert Eckhout, através da Antropologia Visual, possibilita a desconstrução de um olhar europeu e, conseqüentemente, um maior entendimento quanto à leitura não-eurocêntrica. Ou seja, é uma descrição etnográfica na qual não se nega as peculiaridades culturais do outro, e sim o delinea com todo o vigor da autenticidade. Devemos lembrar ainda que a questão do realismo nas pinturas de Eckhout esteve vinculada ao “olhar holandês” e ao estilo da pintura holandesa do século XVII. As pinturas de gênero e de paisagem eram recorrentes na arte holandesa. Logo, Eckhout estava inserido num contexto no qual refletia o padrão estabelecido pela Reforma: a iconoclastia. Daí a profusão de cenas do interior de casas, de atividades domésticas, de naturezas-mortas ou de paisagens. No século XVII, arte e ciência caminhavam juntas. A precisão das coisas apresentadas nas pinturas tinha como objetivo ser naturalista e documental. Na concepção visual holandesa, a arte de descrever almejava o cientificismo.

Todavia, há um deslocamento no olhar de Albert Eckhout. Enquanto o estilo holandês retratava o privado (enfocando costumes culturais), Eckhout trabalha o cenário externo, centralizando e ampliando o retratado. O contexto criado por esse pintor faz parte de seu recurso narrativo-pictórico de caracterizar o ambiente no qual o indivíduo se encontra. Sua experiência *in loco* (durante sete anos e, obviamente, convivendo com a gente do Brasil) o fez adaptar esse olhar, havendo, assim, um deslocamento cultural daquela tradição plástica.

### ***Repertório Visual e Abordagem Cultural***

O repertório que pode ser observado na produção pictórica de Eckhout deve ter uma reflexão no âmbito das relações interétnicas entre indígenas e holandeses, assim como da conduta social do governo nassoviano. A liberdade religiosa e a não-escravatura de indígenas estreitaram os laços para uma convivência mais cordial, em analogia ao tratamento impetrado pelos portugueses. O objetivo político do governo da WIC era de conservar, no seio daquela sociedade, os nativos brasileiros, sem subjugar-los a seus costumes culturais.

Um tema tão estereotipado quanto o do canibalismo na iconografia européia é representado por Eckhout como fenômeno social dos indígenas brasileiros, sendo possível identificar a prática do canibalismo sem distorções ou maniqueísmos (ver *Mulher Tapuia*). Com efeito, a

forma pode capturar ainda a conotação de “bom selvagem”. A ambigüidade desse termo estabelece-se entre a bondade natural, o caráter social supostamente primitivo, ingênuo, e a vertente vil de serem antropofágicos. Esses contornos ambíguos, na representação do selvagem, foram relativizados pelo olhar eckhoutiano. Mais uma vez, salientamos, Eckhout desvinculou o indígena brasileiro do barbarismo avassalador e repugnante.

### *Resgate das Diferenças Étnicas: Realidades e Significados*

O trabalho de Albert Eckhout nos revela a representação do outro como índice cultural. Nas imagens feitas dos índios Tapuia e Tupi, da mameluca, da negra, do negro guerreiro e dos negros congoleses, percebem-se aspectos singulares da representação sobre a cultura material (roupas e artefatos). E, principalmente, no que se refere às informações subjacentes da percepção política e econômica da hegemonia holandesa a respeito do território e do *status* das figuras inseridas no contexto do Novo Mundo.

Cabe discorrer sobre as duas nações indígenas pintadas (Tapuia *versus* Tupinambá) por Eckhout. Uma das reflexões existentes remonta a um significado subliminar na imagem do casal Tupinambá, isto é, a viabilidade da constituição de um império no além-mar, contando, para tanto, com o trabalho dos nativos, de acordo com o historiador Ronald Raminelli. Entretanto, visualizamos em *Mulher Tupinambá* e *Homem Tupinambá* traços de aculturação no vestuário e nos artefatos de caça presentes no homem. As flechas e os arcos empunhados pelo indígena conotam um significado sobre a divisão social do trabalho, frisando tarefas do nativo, como a caça, a pesca e as atividades de confronto com o inimigo. Vemos, assim, ocupações particularmente masculinas; em contrapartida, as mulheres trabalhavam nas demais tarefas. Esses, contudo, são breves exemplos da apreensão de questões culturais inerentes às obras de Albert Eckhout.

Por fim, cabe ressaltar que as imagens promovem um diálogo com o passado, desvelando sistematicamente os elementos culturais de uma época. Se, por um lado, tais imagens constituem um universo fértil de significados; por outro, a arte reflete as relações humanas, as particularidades culturais e os valores de uma dada sociedade e época. Mas, sobretudo, perenizam um legado que ajuda a aprofundar e esmiuçar a trama da compreensão sobre as diferenças culturais. E, assim, descortinarmos visualmente a formação da identidade brasileira.

### *Lista de ilustrações*

01. Anônimo - *Cinocéfalos* (homens com cabeça de cão), s.d.
02. Anônimo - *Centauros e monstros compostos*, s.d.
03. Frei André Thevet - *Singularidades da França Antártica*, 1557.
04. Anônimo - *Ilustração de folheto de cordel*, séc. XVIII - Origem européia
05. Theodore De Bry - *Preparo de carne humana para um festim canibal*, 1592
06. Theodore De Bry - *Hans Staden observa a preparação do corpo para o festim canibal*, 1592
07. Philippe Galle - *América*, 1579-1600
08. Albert Eckhout - *Mulher Tapuia*, 1643
09. Albert Eckhout - *Mulher Tupinambá*, 1641
10. Albert Eckhout - *Homem Tapuia*, 1643
11. Albert Eckhout - *Homem Tupinambá*, 1643
12. Albert Eckhout - *Mameluca*, 1641
13. Albert Eckhout - *Mestiço/Mulato*, 1641
14. Albert Eckhout - *Negro*, 1641
15. Albert Eckhout - *Negra com criança*, 1641
16. Albert Eckhout - *Embaixador do Congo*, 1643
17. Albert Eckhout - *Negro do Congo/Servo com caixa de ouro*, 1643
18. Albert Eckhout - *Negro do Congo/Servo com presa*, 1643
19. Albert Eckhout - *Dança Tapuia*, s.d.
20. Albert Eckhout - *Esboço de mulher Tapuia sentada*, s.d.
21. Albert Eckhout - *Esboço "Tapuya"*, s.d.
22. Albert Eckhout - *Guamaiacuguará*, s.d.
23. Albert Eckhout - *Cágados lutando*, s.d.
24. Albert Eckhout - *Natureza-morta*, s.d.

### *Rerefências bibliográficas*

ALPERS, Svetlana. *A Arte de Descrever: A Arte Holandesa no Século XVII*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BASTIDE, Roger. *Arte e Sociedade*. Tradução de Gilda de Mello e Souza. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

DEL PRIORE, Mary. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história dos monstros do Velho e do Novo Mundo (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

*Horizontes Antropológicos - Antropologia Visual*. Cornélia Eckert e Nuno Godolphim. Revista Temática Semestral - N.2 -(1995). Porto Alegre: Publicação Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LESTRINGANT, Frank. *O Canibal: grandeza e decadência*. Tradução de Mary Murray Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

*O Brasil e os Holandeses - 1630-1654*. Organizado por Paulo Herkenhoff. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

VALLADARES, Clarival do Prado e MELLO FILHO, Luiz Emygdio. *Albert Eckhout: a presença da Holanda no Brasil, século XVII*. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento, 1989.